

---

# O MATERIALISMO HISTÓRICO COMO MARCO DE REFERÊNCIA PARA A ENFERMAGEM EM SAÚDE COLETIVA – UMA ANÁLISE CRÍTICA<sup>1</sup>

## *THE HISTORICAL MATERIALISM AS A REFERENCE MARK FOR THE COLLECTIVE HEALTH NURSING – A CRITICAL ANALYSIS*

## *EL MATERIALISMO HISTÓRICO COMO MARCO DE REFERENCIA PARA LA ENFERMERÍA EN SALUD COLECTIVA – UN ANÁLISIS CRÍTICO*

MARIA JOSEFINA DA SILVA<sup>2</sup>

MARIA IRISMAR DE ALMEIDA<sup>3</sup>

---

*A Teoria da Intervenção Prática de Enfermagem em Saúde Coletiva – TIPESC, foi pensada pela teorista como instrumento para uma praxis transformadora da enfermagem em saúde coletiva, compreendida como uma prática social. Seu marco teórico é o materialismo histórico dialético. O objetivo deste ensaio crítico foi analisar a adequação da teoria para a enfermagem, sob a óptica de Barnum (1994) e Chinn & Kramer (1995), assim como seu marco teórico. A metodologia aplicada foi a leitura crítica do livro em que a autora expõe seu trabalho, confrontando-o com as propostas analíticas de Barnum e Chinn e Kremer nos aspectos referentes à adequação para a enfermagem e autores marxistas e críticos do marxismo para análise dos pressupostos teóricos. Concluiu-se que a teoria tem um amplo campo de aplicação na saúde coletiva, nos espaços interdisciplinares. Sua adequação para a enfermagem é problematizada pela desproporção entre seus pressupostos genéricos e seu proposto campo de aplicabilidade de atuação.*

**PALAVRAS-CHAVES:** Teoria de enfermagem; Saúde Pública; Marxismo.

---

*The theory of praxis intervention in the collective health nursing was thought by the theoretic as an instrument for a praxis changinb in the collective health nursing, understood as a social practice. Its framework is the dialectic and historical materialism. The objective of this critical essay was yo analyse the theory's adaptation to the nursing, under the view of Barnum (1994) and Chinn & Kramer (1995); as well as its teorical mark. The methodology applied was the critical reading of an book in which the authoress displays her work confronted to the analitic proposes of Barnum and Chinn & Kramer in aspects concerned to the adaptation to the nursing and writers and criticals of marxism to analyse the theoretical presupposes. It was concluded that the theory has a large application field in collective health and in interdisciplinaries spaces. Its adaptation to the nursing is questioned by the disproportion among its general presupposed and its proposed applicability of the action field.*

**KEY WORDS:** Nursing Theory; Public Health; Marxism.

---

*La teoría de la Intervención Práctica de Enfermería em Salud Colectiva – TIPESC, fue pensada por una estudiosa en teorías como instrumento para una praxis transformadora de la enfermería em salud colectiva, comprendida como una práctica social. Su marco teórico es el materialismo histórico dialéctico. El objetivo de este ensayo crítico fue analizar la adecuación de la ateoría para la enfermería, bajo la óptica de Barnum (1994) y Chinn & Kramer (1995), así como su marco teórico. La metodología aplicada, confrontándolo com las propuestas analíticas de Barnum y China y Kremer en los aspectos relacionados a la adecuación para la enfermería y autores marxistas y críticos del marxismo para análisis de los presupuestos teóricos. Se concluyó que la teoría tiene un amplio campo de aplicación en la salud colectiva, en los espacios interdisciplinares. Su adecuación entre sus presupuestos genéricos y su campo de aplicación de actuación.*

**PALABRAS CLAVES:** Teoría de enfermería; Salud Pública; Marxismo.

---

<sup>1</sup> O presente estudo foi desenvolvido na Disciplina do doutorado em enfermagem da UFC: Análise Crítica de Teorias de Enfermagem

<sup>2</sup> Enfermeira, Professora Assistente do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará. Mestra em sociologia. Doutoranda em Enfermagem pela UFC. E-mail: alynemr@uol.com.br

Rua General Silva Júnior 888 apto 206 – Bairro Fátima. Fortaleza – Ceará. CEP: 60411-200

<sup>3</sup> Professora Adjunto do Departamento de Saúde Pública da Universidade Estadual do Ceará. Mestra em Educação. Doutoranda em Enfermagem pela UFC.

## INTRODUÇÃO

A validação de uma teoria se dá tanto pela análise epistemológica quanto operacional. Esta afirmação é válida principalmente para teorias em disciplinas de cunho prático como é a enfermagem. Isso significa que uma teoria deve ser operacional no sentido de ser capaz de explicar determinados fenômenos do universo da enfermagem e direcionar sua prática de acordo com suas especificidades, com qualidade e autonomia.

A construção de teorias, na disciplina de enfermagem, tem início na década de 60, procurando relacionar fatos e estabelecer as bases de uma ciência da enfermagem.

A teoria é compreendida como um conjunto de princípios fundamentais da ciência e da arte de enfermagem. Para Barnum, (1994) a teoria é uma elaboração que procura explicar ou organizar algum fenômeno, pelo que as teorias de enfermagem descrevem ou explicam enfermagem. É uma maneira de caracterizar o fenômeno, evidenciar seus componentes ou características que dão a esse fenômeno sua identidade.

Criticando a produção teórica no Brasil, Egrý (1996) relata que as bases teóricas da enfermagem brasileira vem, majoritariamente, apresentando três questões principais: o uso de modelos alienígenas sem adequação à realidade brasileira; a não articulação da teoria com o processo de trabalho; e, por fim, a não emergência da teoria da problematização assistencial.

A Autora apresentou sua proposta teórica para a prática de enfermagem em saúde coletiva há poucos anos. É a primeira teoria de enfermagem direcionada a este campo, no país.

Seus fundamentos são buscados no materialismo histórico e dialético<sup>3</sup>, com respaldo nos postulados teóricos da Reforma sanitária brasileira. A saúde coletiva, denominação cunhada para se diferenciar do sentido que tem hoje a saúde pública, possui um forte tom ideológico, representando o pensamento dos mentores da Reforma sanitária brasileira e vinculada ao projeto de mudança radical da sociedade, através da saúde (Egrý, 1996 p. 66).

Na enfermagem, cuja prática se vincula ao indivíduo, família e grupos específicos, uma teoria que se apóie nas explicações de âmbito estrutural, isto é, nos aspectos macrosociais, deve se adequar aos aspectos do microcosmo social, domínio e espaço prático da enfermagem.

A verificação dessa teoria, a partir de sua capacidade explicativa e operativa, só é capaz de acontecer se a teoria se

submeter à crítica de seus fundamentos, estruturação, coerência interna e adequação explicativa dos fenômenos da enfermagem. Sem isso, a teoria não se realiza como explicação de uma dada realidade, fenômeno ou evento.

Diante do exposto, formulou-se os seguintes objetivos: analisar criticamente os conceitos básicos e metaparadigmas que constituem a TIPESC baseada na proposta de análise crítica de teorias de Barnum (1994) e Chinn & Kramer (1995), bem assim analisar a adequação dos propósitos e marco teórico da TIPESC, como teoria para a prática da enfermagem.

## A Teoria de Intervenção Prática de Enfermagem em Saúde Coletiva

### O CONTEXTO

A autora da TIPESC é enfermeira docente. Iniciou sua jornada profissional há duas décadas (Egrý, 1996 p. 9), em momentos de mudanças sociais qualitativas: na enfermagem, com a inauguração dos primeiros cursos stricto sensu; na ordem política vigente, com o início do enfraquecimento do regime militar no Brasil. É neste período em que se inicia, na América Latina e, por extensão, no Brasil, um conjunto de análises da problemática social e da saúde<sup>4</sup>, especificamente, a partir do materialismo histórico e dialético. Dialética supõe reciprocidade, materialismo supõe unilateralidade da infra-estrutura para a superestrutura cultural, política e social, portanto essa expressão é polêmica, considerada contraditória pelos críticos e algumas correntes marxistas inclusive a própria Escola de Frankfurt. Usaremos o termo "materialismo dialético", apesar deste comentário porque é assim que a autora utiliza em seu texto.

O modelo adotado pela autora é o marxismo clássico, cujo *...objeto de estudo é a sociedade e as leis gerais de seu desenvolvimento (...)* não sem sustentar que a produção material é a base sobre a qual se estabelece o modo de viver dos homens, o que determina toda a vida da sociedade (1996: 30) excluindo, portanto, o que modernamente se tenta recolocar nas discussões sobre a ação social, incluindo: a cultura, a personalidade, as paixões; as peculiaridades pessoais, o estilo de vida, a "microfísica do poder" e outros atributos individuais ou de grupos que afetam o modo de vida do homem.

<sup>3</sup> Materialismo histórico *designa essa concepção dos roteiros da história universal que vê a causa final e a causa propulsora decisiva de todos os acontecimentos históricos importantes no desenvolvimento econômico da sociedade, nas transformações do modo de produção e de troca, na consequente divisão da sociedade em classes distintas e na luta dessas classes entre si.* (Engels, 1985 ; 14)

<sup>4</sup> Autores como Juan César Garcia; Everardo Duarte Nunes; Sônia Maria Fleury; Jaime Breilh; Asa Cristina Laurell; Hésio Cordeiro; Pedro Luiz Castellano; Mário Testa; Eugênio Vilaça Mendes; Madel Luz; Jairnilsom Pain são apenas alguns dos intelectuais brasileiros que participaram da construção da reforma sanitária sob este marco teórico.

Para efeito deste trabalho, analisamos o livro publicado em 1996 por Emiko Egry com o título *Saúde Coletiva: construindo um novo modelo em enfermagem*. Em que pese o fato de reunir artigos publicados<sup>5</sup> dando vez à percepção da construção e do aperfeiçoamento do que seria seu modelo teórico, o livro traz a proposta de uma forma completa e mais acabada, sendo portanto, desnecessário fazer utilização do material intermediário na construção do dito modelo, uma vez que não é o foco do atual texto a análise do processo de construção de uma teoria.

## BASES FILOSÓFICAS

Egry analisa os conceitos de metodologia elaborado por autores como Demo (1988); Bruyne, Herman e Schoutheete (1991); Testa (1992); Minayo (1992), valendo-se de elementos constitutivos destes para fundamentar seus próprios argumentos. Para a Autora... *o método, enquanto elemento constitutivo da intervenção de enfermagem em saúde coletiva, é um instrumento (saber, técnica, procedimentos) a ser utilizado no processo de trabalho, cuja finalidade genérica é a transformação da realidade de saúde e doença da coletividade* (1996 p. 21) destacando sua indissociabilidade do real, sob pena de perder seu caráter instrumental.

A enfermagem, por ser uma prática que se realiza no âmbito social, inserida, portanto, na lógica do capitalismo, tende a reproduzir o que lhe é mais peculiar: as relações contraditórias no contexto de luta de classe, latente ou expressa, e ainda a mais valia. (Egry, 1996)

## VISÃO DE MUNDO

A explicitação da visão de mundo é necessária, segundo Egry (1996), para justificar a escolha do método como elemento constitutivo do processo de trabalho de enfermagem em saúde coletiva. Em seu trabalho, considera visão de mundo convicções, princípios, pontos de vista que definem a atitude de cada pessoa, grupo social ou classe social em relação à realidade e a si próprio.

Ao utilizar a teoria marxista para explicação do real, a autora faz uso de conceitos-chaves desta teoria: alienação (Severino (1993) in Egry, 1996 p. 31) e ideologia (Chauí (1984) in Egry, 1996 p. 31).

A adoção do marco teórico filosófico pela Autora, subordina o método adotado às leis da dialética marxista – a lei da unidade e luta dos contrários; a lei da transição de mudanças quantitativas para a qualidade; a lei da negação da negação. Assim,

Egry elabora a TIPESC, fundamentando a aproximação fenomênica com as categorias da dialética de Marx: a interdependência entre o individual, o particular e o geral; causa e efeito; necessidade e casualidade; possibilidade e realidade; conteúdo e forma; essência e fenômeno.

Subordinada a estas leis e categorias, a Autora declara os pressupostos que orientam o método: dinamicidade – a perpétua transformação em que se encontra a realidade social; historicidade – segundo Engels, a força motriz do caminhar da história é o desenvolvimento econômico da sociedade, provocando a divisão social em classes antagônicas, sempre em conflito; a participação – em que (...) *a manifestação das vontades pessoais no contexto de grupo (...) sofre as ampliações que lhes impõem as contradições das vontades alheias* (Egry, 1996); e horizonte – que é a (...) *antevisão da qualidade nova a que se quer chegar, enquanto lugar, conteúdo e processo* (...) destacando a contínua re-situação e re-dimensionamento do horizonte no processo de alcançá-lo.

## CATEGORIAS CONCEITUAIS

O arcabouço teórico da TIPESC é delineado pela Autora com categorias conceituais e categorias dimensionais. As categorias conceituais vão possibilitar a articulação entre as partes do fenômeno, sobre o qual a autora se debruça. São elas:

Sociedade – homens que “...*interagem entre si, a partir da inserção no trabalho onde eles se relacionam entre si e com a natureza, na produção da vida material. Este trabalho está estruturado pela base econômico-social. Esta sociedade tem como características estar (...) assentada estruturalmente no modo de produção (que) conforma e é conformado pela superestrutura jurídico-político-ideológica; (...) encontrar-se em permanente transformação, criando-se e recriando-se pela ação humana; (reunir), em seu interior, agrupamentos humanos que se inscrevem em distintas classes sociais conflitantes; conviver (...) diferentes condições de saúde doença (cuja) relações (são) de dominação, necessárias à manutenção do sistema*”. (Egry, 1993)

Homem – ser biológico, social e histórico, porque se transforma e transforma a sociedade. Ser social, porque está em diferentes classes sociais e diferentes condições de vida, de saúde e de assistência à saúde. No conceito de Homem, a Autora destaca: categoria trabalho-classe social; consciência de classe; burguesia.

<sup>5</sup> Egry e Fonseca, 1993; Egry, 1990; Egry, Shima, Bertolozzi, Salum, 1989; Salum, Egry, Shima, Fonseca, 1989; Queiroz e Egry, 1988; Egry, Bertolozzi, Shima, 1991.

Processo Saúde-doença – para Egry (1996) é

*(...) a resposta dinâmica que as classes sociais manifestam, de forma diferenciada, de acordo com sua inserção no sistema de produção frente aos determinantes sociais, resposta esta dada pelas características de riscos e de potencialidades que são reflexos dos processos biológicos de desgaste.* (Egry, 1996 p. 61)

O processo saúde-doença reflete a relação do homem no interior da sociedade, em que os riscos e contato com agravos e suas potencialidades de saúde são definidos a partir de sua inserção no sistema de produção.

Saúde coletiva – para a autora, o objeto da saúde coletiva é o corpo social, sendo diferente de saúde pública. Aquela, segundo Breilh, (1990) in Egry (1996p. 66), *propõe a determinação histórica do processo coletivo de produção dos estados de saúde-doença, (...) incorpora o método materialista dialético. (...) se coloca como recurso de luta popular e da crítica-renovação de estratégias do 'que-fazer' estatal, (...) propõe a necessidade de uma ação para a mudança radical.*

Assistência à saúde coletiva – relatada por Egry (1996 p. 68) é uma

*(...) interferência consciente (sistematizada, planejada e dinâmica) no processo saúde-doença de uma dada coletividade, consideradas as distinções de classes sociais, sendo realizada pelo conjunto de profissionais de saúde com a coletividade, objetivando o desenvolvimento da consciência crítica de cada classe social em relação a sua realidade de saúde, tornando-se, portanto, sujeito de suas próprias transformações. Os serviços, no contexto de produção capitalista, se inserem como mercadoria.*

A intervenção na realidade, pela assistência, irá depender de pontos de *vulnerabilidade* que podem ser desdobrados em três ordens: *vulnerabilidade de conteúdo* (...) possibilitando a intervenção, a partir de conhecimentos acumulados; *vulnerabilidade espacial* (...) que diz respeito às possibilidades de rupturas com a realidade vigente; *vulnerabilidade de forma* (...) se referindo às possibilidades de caminhos para a aplicação da intervenção.

Processo de ensinar—aprender na concepção da autora, se relaciona com resolução de problema – professor-aluno, partilhando experiências e soluções, acerca de questões a serem enfrentadas (72). Parte da relação concreta da prática garantindo o processo como um *ato educativo emancipador* (intervir para

transformar). Egry (1996), vai buscar, na teoria da ação comunicativa de Habermas, a concepção de atitude emancipadora e de hermenêutica crítica para fundamentar essa prática transformadora.

Enfermagem – Prática social, transformadora, executada com instrumentos próprios e procedimentos baseados em conhecimento científico. Egry (1996 p. 77) tem a preocupação de posicionar a enfermagem como prática social no marco do materialismo histórico; sua (...) *intervenção no processo saúde-doença deve ser realizada, consideradas as distinções das classes sociais a que pertencem os sujeitos-alvo desta intervenção, uma vez que a qualidade de vida está efetivamente distinta, a depender da classe social a que pertence o usuário.*

## CATEGORIAS DIMENSIONAIS

Na categorização dimensional, a autora busca dar conjunto e o formato de sua teoria para torná-la operacionalizável. A primeira categoria é:

Totalidade – categoria central em Marx e no modelo teórico da autora. Constitui-se unidade concreta de contradições que interagem. Não se identifica o todo, antes é (...) *parte tomada como um todo estruturado e racionalmente compreendido* (Egry, 1996 p. 81). Não é um tipo-ideal, modelo tomado independente do objeto, destacável a fim de explicá-lo. Ela também não é um universal abstrato que se contraponha aos particulares como uma essência platônica. Totalidade, na compreensão da Autora, é parte do objeto de intervenção, relacionando-se com outras totalidades imediatamente superiores e inferiores a ela.

O estrutural, o particular e o singular: são dimensões da realidade em que a Autora busca a compreensão das diferentes partes do objeto fenomênico e a exposição da dialética entre elas. O Estrutural é a aproximação dos aspectos macroscópicos ou macro-estruturais do objeto focalizado. É o mais distante do objeto. O Particular se refere ao perfil epidemiológico de classe, perfil reprodutivo, perfil saúde-doença e práticas e ideologia em saúde. O Singular destaca os processos que levam ao adoecer-morrer ou ao desenvolvimento do nexa bio-psíquico dado pelo funcionamento e consumo-trabalho individual do homem. É o mais específico do objeto. (Egry, 1996 p. 84-6)

Práxis: última categoria dimensional da teoria. A Autora faz uso das concepções de vários autores marxistas sobre *práxis*. Neste sentido, fica subentendido que a mesma compreende a *práxis* como uma prática, consciente, teleológica, voltada para a transformação social e a realização do homem pela liberdade.

## O MODELO OPERACIONAL DA TIPESC

O modelo operacional da TIPESC foi esquematizado, em sua proposta sistematizadora em cinco etapas. Estas são definidas por Egry (1996), cuja síntese apresentamos a seguir:

1ª etapa: *captação da realidade objetiva* – constitui uma leitura do real – situacionalidade, momento em que se busca desvendar a aparência do fenômeno.

2ª etapa: *interpretação da realidade objetiva* é a descoberta da essência dessa qualidade atual do fenômeno. Isto vai ser buscado com o auxílio de categorias analíticas para o recorte do fenômeno: tempo – espaço; teoria – prática; estrutural – particular; particular – singular; possibilidades – necessidades. Este estudo analítico irá ajudar a desvendar as vulnerabilidades e a identificar os “motes transformadores”, confrontados e articulados em síntese dialética com as categorias analíticas.

3ª etapa: *construção do projeto de intervenção na realidade objetiva* – momento de seleção de objetivos, estratégias, corpo teórico-metodológico, definição de tempo, competências. É o instante de confronto com a realidade fenomênica, prenhe de resistências que expressam as contradições do real.

4ª etapa: *intervenção na realidade objetiva* – proporciona as transformações qualitativas, tanto no sujeito (que intervém), quanto no objeto (que sofre a intervenção).

5ª etapa: *re-interpretação da realidade objetiva* – em última instância, é a re-interpretação do próprio caminho metodológico operacionalizado, reiniciando o processo. É o momento também de validação ou não da teoria utilizada – *validade praxiológica*

## REFERÊNCIAS DE APOIO À CONSTRUÇÃO DA TIPESC

A autora utiliza a teoria clínica, destacando seus limites e buscando superá-los com outras teorias que localizem a explicitação biopsíquica da morbidade na relação do indivíduo/corpo, em um dado modo de produção (Egry, 1996)

Para a enfermagem, ela busca apoio na teoria das necessidades humanas básicas de Maslow, superando-o ao situar temporal e historicamente estas necessidades.

O estudo do processo saúde-doença assume, na TIPESC, o formato da epidemiologia social de Breilh (1986) e Laurell (1983), *recorrendo ao estudo sistemático de: processos estruturais da sociedade; perfis de reprodução social, (...) potencialidades de saúde e sobrevivência e os riscos ou contravalores de adoecer e morrer (...)* (Egry, 1996 p. 116)

De Agnes Heller, Egry utiliza a teoria das necessidades sociais que explora os determinantes históricos e sociais de con-

sumo, reconstruindo a (...) *historicidade da incorporação de valores e contravalores ao longo das transformações das práticas de saúde (...)* (Egry, 1996 p. 117).

Os conhecimentos que orientam a prática profissional estão amparados: na teoria do agir comunicativo de Habermas; no enfoque de distritalização da Reforma Sanitária; no enfoque de problemas; no planejamento estratégico de Mário Testa e na interdisciplinaridade.

## METODOLOGIA

Constitui-se o presente estudo de uma análise crítica acerca de uma teoria de enfermagem tendo, como guia as propostas das autoras Chinn & Kramer (1993) se detêm mais na construção de uma teoria, expondo seus elementos constituintes – conceitos, pressupostos, definições e as relações que se estabelecem no interior da teoria. Propõem, também, um roteiro de análise de uma teoria a partir de aspectos que incluem: clareza, simplicidade, capacidade de generalização, acessibilidade e importância da teoria para a enfermagem e Barnum (1994), que centra seu trabalho de análise em considerações críticas sobre teorias de enfermagem.

Os passos para a elaboração da análise crítica da teoria de enfermagem proposta, foram: descrever a teoria, destacando seus conceitos centrais e o marco teórico de apoio. De Chinn & Kramer procurou-se analisar os conceitos centrais e as categorias construídas por Egry para organizar e explicar seu modelo teórico. Neste momento foi tangenciada uma análise epistemológica da TIPESC quando se buscou compreender sua lógica interna e as possibilidades de validação da teoria. No passo seguinte a análise foi direcionada para o aspecto relacional da enfermagem – especificidade da teoria, potencialidade para a enfermagem, macroconceitos e contribuição para o avanço do conhecimento na disciplina.

## ANÁLISE CRÍTICA DA TIPESC

O desenvolvimento da análise crítica TIPESC, obedece à seguinte ordem: a) análise geral da teoria, identificando as dificuldades e limitações para sua compreensão. B) análise crítica da construção da TIPESC, seus pressupostos, conceitos e contribuição para a disciplina de enfermagem.

## ANÁLISE DO CONJUNTO DA TEORIA – USO DOS CONCEITOS

A primeira dificuldade para a compreensão da proposta de Egry é a complexidade de conceitos tomados de diversos autores,

sem deixar explícita a utilização e articulação destes conceitos no interior da teoria. Tal é o caso de Habermas e a ação comunicativa, de Agnes Heller e sua teoria das necessidades sociais e os postulados da Reforma Sanitária brasileira. A autora faz uma ampla revisão de literatura na bibliografia marxiana, expõe os conceitos dos autores, mas não chega a uma síntese, dificultando a compreensão do leitor quanto aos conceitos adotados pela mesma para sua fundamentação teórica. Outra observação diz respeito à falta de referência aos autores clássicos, limitando-se a comentadores, o que pode levar a assumir posições ou explicações divergentes ou esquemáticas relativamente ao texto original.

No decorrer da leitura da proposta de Egry, percebe-se que há dificuldade de compatibilizar os pressupostos adotados pela autora que, por não expressarem a pluralidade da sociedade atual nem descenderem ao âmbito do individual, limita seu campo explicativo e não permite a adoção de conceitos mais atuais, sem contrapor-se aos seus fundamentos. Tal postura limita a teoria no que se refere a sua utilização para a prática cotidiana da enfermagem.

Uma segunda dificuldade está relacionada à falta de conceitos elaborados pela própria Autora, preferindo fazer uso de outros autores, o que problematiza a compreensão das inter-relações conceituais no interior da teoria.

## ANÁLISE CRÍTICA DA TEORIA

### a) Os metaparadigmas da enfermagem na TIPESC.

Segundo Fawcett (1983), metaparadigma é a mais geral perspectiva de uma disciplina, embora seja possível a mais de uma disciplina utilizar os mesmos ou conceitos similares, muito embora com perspectivas distintas para cada uma delas. Ainda, segundo a autora, modelos conceituais, ou paradigmas, ou matrizes disciplinares, são subculturas no interior de cada disciplina.

Estes macroconceitos ou metaparadigmas são, segundo Barnum (1994) apenas pontos que demarcam os limites das teorias, sem especificidade, inclusive na própria disciplina de enfermagem. Barnum (1994 : 8) chama a atenção para o fato de que a diferença entre estes macroconceitos (*commonplace*) e os elementos de uma teoria, é crítica: um elemento é específico para uma dada teoria, um macroconceito, não. Recentemente, segundo a autora citada, há uma concordância entre os postulados teóricos de enfermagem em que se trata de utilizar, como macroconceitos: homem (pessoa); enfermagem; saúde; e meio ambiente.

Egry, também adota estes metaparadigmas em seu modelo teórico. Define sociedade e não meio ambiente, já que o materialismo histórico é uma proposta de explicação da História, portanto uma metateoria; homem – como ser social, biológico e histórico, guiado pela necessidade material, já que o seu destino está vinculado à classe e ao materialismo econômico no interior do processo de produção capitalista; processo saúde-doença; enfermagem; assistência à saúde coletiva; processo aprender-ensinar.

Analisados sob a ótica de Barnum, os metaconceitos acima não são específicos para a enfermagem. Eles se adequam a qualquer teoria na área da saúde que adote, como fundamentos teórico-filosóficos, o materialismo histórico e dialético.

### b – Análise da TIPESC e seus propósitos

Chinn & Kramer (1995) definem como reflexão crítica de uma teoria o processo que busca respostas para a questão da utilidade de uma teoria a um propósito específico. Para isso, é preciso analisar os seguintes aspectos: clareza semântica e estrutural de uma teoria; complexidade/simplicidade de uma teoria; amplitude de campo e propósito da teoria; acessibilidade e importância da teoria para a enfermagem.

Aplicando à TIPESC estes aspectos, podemos destacar que quanto à clareza e consistência estrutural, refletindo a transparência das conexões entre conceitos no interior da teoria e na sua totalidade, a adoção do marco teórico do materialismo histórico, na sua versão não “corrompida” pela praxis nos países socialistas<sup>6</sup>, conforme esclarece a autora da TIPESC (1996 : 32) dificulta a pretensão de introduzir aspectos modernizantes do pensamento dito neo-marxista. A Autora, apesar de introduzir os conceitos de historicidade e dinamicidade, indicando uma abertura ao novo, mantém nos seus macroconceitos as idéias de classe social como elemento determinante da história; infra-estrutura e superestrutura; consciência de classe; subordinação da organização social ao modo de produção e sua base econômico-social; processo saúde-doença determinado pela forma de inserção no mundo da produção.

Os autores marxistas mais sintonizados com o mundo atual já absorvem conceitos relativos ao imaginário, à cultura, à vontade, às paixões, à linguagem, como elementos importantes na compreensão da sociedade e da ação social. Se estes fatores são importantes, fenece a concepção segundo a qual as relações de produção segmentadas, segundo as classes, são determinantes e fundamentais. Os aspectos enfocados pelas novas tendências e citados acima, são mais adequados ao estudo do objeto da enfermagem.

<sup>6</sup> Pedro Demo (1987 : 90) diz que é uma ingenuidade pensar que a ditadura do proletariado possui vocação democrática. É, para ele, ... *desconhecer a relativa autonomia do fenômeno poder, face a outros, também do econômico.*

A utilização da TIPESC para a prática da enfermagem se mostra problemática, uma vez que faz uso de conceitos da sociologia, da filosofia e da política, os quais não fazem parte do jargão profissional e de esquemas explicativos não usuais para a enfermagem. Egrý (1996), em alguns trechos de sua explanação, faz uso de expressões como *processo de produção*, *processo de valorização*, *modo de produção* e outros pertencentes ao jargão marxiano, merecendo clarificação para os leigos em sociologia.

Sua complexidade teórica também está relacionada ao volume de relações teóricas e conceitos em seu interior. Para Chinn & Kramer (1995), teorias de enfermagem que incluem amplos conceitos como indivíduo, saúde, meio ambiente, sociedade, têm alto poder de generalização e são úteis para organizar idéias e comportamentos de saúde. Aplicando esta afirmativa à TIPESC, é de se acrescentar que tais conceitos contribuem para ampliar a capacidade crítica da enfermagem, podendo influir, assim, de forma mais efetiva nas políticas de saúde nos diferentes espaços da prática.

Estas observações, também fazem parte da análise de Barnum (1994), quanto à especificidade da teoria, da sua potencialidade de influir na enfermagem nos aspectos da prática, do ensino e da pesquisa e na contribuição para a evolução do conhecimento, na enfermagem. Dado seu marco teórico, a TIPESC não é uma teoria específica para a enfermagem, pela desproporção entre seus pressupostos genéricos e o campo de atuação da enfermagem – uma das profissões militantes no setor saúde que compõe uma diversidade de setores no campo social e do seu objeto de trabalho – o indivíduo nos diferentes espaços sociais. Esse fenômeno é o que Souza (1990 : XV) denomina de *anescalismo*.

#### c) O Desenho da TIPESC – Categorias Dimensionais

As dimensões pelas quais a enfermagem transita, no marco da TIPESC, são apresentadas a partir dos conceitos de totalidade e de *práxis* – a primeira com discriminação estrutural, particular e singular, dando a idéia do mais amplo ao mais restrito ou, dos aspectos macrosociais para o individual. Totalidade é, para Egrý, citando Lucáks (1996 p. 81) (...) *a unidade concreta de contradições que interagem e (...) a relatividade sistemática de toda totalidade, isto é, a totalidade é sempre relacionada a uma em nível maior e uma em nível menor em relação a totalidade em questão (... ) e a relatividade histórica de toda totalidade, ou seja possui um caráter mutável, desintegrável e limitado a um processo concreto e determinado*.

Totalidade, pode representar o espaço de ação da enfermagem, desde que relacionado aos aspectos que a transcendam no momento dado.

O estrutural, o particular e o singular já se apresentam mais problemáticos. O primeiro conceito – estrutural – é, para Egrý (1996) o que está mais distante do objeto, são os aspectos macroscópicos do objeto focalizado. Exemplos disso são políticas de saúde, organização social.

Segundo Boudon e Bourricaud (1993), estrutura tem os mais diversos significados, indo desde a designação de coerência das instituições sociais, e, nestes aspectos, os autores demonstram o conceito no pensamento estruturalista, funcionalista. Em outras situações, o termo estrutura (estável) assume a designação oposta de conjuntura (o fluido). Já Burguière (1993) define como estrutural a linguística e a antropologia. Mas, por trás desta diversidade, está presente a noção de regularidade e constância. O autor citado diz que as estruturas são obstáculos (pela imposição de limites à ação humana) e, ao mesmo tempo, sustentáculos. A síntese estrutura/conjuntura (o factual) é que (...) *deve permitir apreender a totalidade da diacronia e toda a espessura do real*. (Burguière, 1993 p. 310)

O particular, na concepção de Egrý (1996) está implicitamente calcado na divisão de classe social e suas especificidades dentro do contexto social. Perfil epidemiológico (de classe, já que o adoecer e suas modalidades se relacionam com ela – classe); perfil saúde-doença; práticas e ideologia de saúde, são elementos desta dimensão.

O singular, o mais específico do objeto, (...) corresponde a processos que levam ao adoecer-morrer ou ao desenvolvimento do nexó bio-psíquico dado pelo funcionamento e consumo-trabalho individual do homem.

Nestas duas últimas dimensões, Egrý deixa de fora elementos fundamentais presentes no processo adoecer-morrer, tais como: estilo de vida, mobilidade espacial; além de riscos ambientais que transcendem o âmbito de classes específicas, socializando os riscos.

#### d) Processo de aplicação da TIPESC a uma “realidade objetiva”

Segundo Egrý (1996), as etapas do método são: captação, interpretação, construção do projeto de intervenção, intervenção e reinterpretação da realidade objetiva.

Estas etapas possibilitam uma apreensão da realidade fenomênica em uma dimensão bem mais ampla da que a competência profissional da enfermagem pode intervir, uma vez que vai além das dimensões específicas da saúde, introduzindo intervenção no âmbito social e político. O fenômeno apreendido, através da mediação da TIPESC, para ser operacionalizado deve ser parcializado, já que (...) *é impossível conceber projetos de trabalho que contemplem, de igual maneira e com a mesma densidade, todos os focos e realidades fenomênicas* (Egrý, 1996 p. 98).

## REFLEB ES FINAIS

As dificuldades apresentadas na avaliação da operacionalidade da TIPESC frente a uma realidade objetiva, estão mais relacionadas à complexidade da teoria e do marco teórico referencial – o materialismo histórico. As informações e os espaços de intervenção necessários à aplicação das etapas iniciais do método, são bem mais abrangentes que os espaços de intervenção da enfermagem, embora a repercussão de sua intervenção transcenda este espaço operacional. A TIPESC se adequa a um diagnóstico e plano de intervenção interdisciplinar no campo da saúde, assim como é capaz de subsidiar políticas sociais e de saúde, no âmbito estadual e municipal. Esta adequação, ao nosso ver, está explícita na avaliação de sua aplicação (Egry, 1996 p. 127-132), quando as contradições identificadas dizem respeito muito mais a organização do sistema de saúde e sua dimensão interdisciplinar que à intervenção direta da enfermagem. Resta saber como equacionar esta dificuldade. O marco teórico do materialismo histórico não chega até o homem como cliente. Ele se detém nas classes ou grupos sociais e a enfermagem, no seu cotidiano, está presente nos micro-espços sociais, cuja capacidade resolutive se dá mais no âmbito individual/familiar que no macro-social.

## BIBLIOGRAFIA

- BARNUM, B. J. S. *Nursing Theory. Analysis, application, evaluation*. Philadelphia: J. B. Lippincott, 1994.
- BOUDON, R., BOURRICAUD, F. *Dicionário crítico de sociologia*. São Paulo: Ática, 1993
- BREILH, J. Reprodução social e investigação em saúde coletiva: construção do pensamento em debate. In: EGRY, Emiko Yoshikawa. *Saúde coletiva: construindo um novo modelo em enfermagem*. São Paulo: Ícone, 1996. 144 p.
- BREILH, J. GRANDA, E. Investigação da saúde na sociedade: guia pedagógico sobre o novo enfoque de método epidemiológico. In: EGRY, Emiko Yoshikawa. *Saúde coletiva: construindo um novo modelo em enfermagem*. São Paulo: Ícone, 1996. 144 p.
- BRUYNE, P., HERMAN, J., SCHOUTHEETE, M. Dinâmica da pesquisa em ciências sociais. In: EGRY, Emiko Yoshikawa. *Saúde coletiva: construindo um novo modelo em enfermagem*. São Paulo: Ícone, 1996. 144 p.
- BURGUIÈRE, A. (Org) *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- CHAUÍ, Marilena. O que é Ideologia. In: EGRY, Emiko Yoshikawa. *Saúde coletiva: construindo um novo modelo em enfermagem*. São Paulo: Ícone, 1996. 144 p.
- CHINN, P. L., KRAMER, M. K. *Theory and nursing: a systematic approach*. 4. ed. Missouri: Mosby-year book, 1995.
- DEMO, Pedro. Metodologia científica em ciências sociais. In: EGRY, Emiko Yoshikawa. *Saúde coletiva: construindo um novo modelo em enfermagem*. São Paulo: Ícone, 1996. 144 p.
- EGRY, E. Y. *Saúde coletiva: construindo um novo modelo em enfermagem*. São Paulo: Ícone, 1996.
- EGRY, E. Y. Sistematização da assistência de enfermagem em saúde coletiva orientada pelo materialismo histórico e dialético: em busca da unicidade entre o saber e o fazer. In: SEMANA WANDA DE AGUIAR HORTA, 3. 1989. São Paulo. *Anais...* São Paulo: Escola de enfermagem da USP, 1990. p. 97-110.
- EGRY, E. Y.; FONSECA, R. M. G. S., Assistência de enfermagem em saúde coletiva: uma nova abordagem da metodologia do ensino no programa de especialização em enfermagem. *Rev. Bras. Enfermagem*. Brasília, v.46, n.2, 143-148, abr./jun. 1993.
- EGRY, E. Y, BERTOLOZZI, M. R.; SHIMA, H. Integração docente assistencial: a transformação da qualidade do ensino e da assistência em saúde coletiva através da condução praxiológica. *Rev. Esc. Enfermagem USP*, v. 25, n. 2, p. 169-76, ago, 1991.
- ENGELS, F. *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. São Paulo: Globo, 1985.
- FAWCETT, J. *Analysis and evaluation of conceptual models of nursing*. Philadelphia: FA Dans Company, 1983.
- LAURELL, A. C.A saúde-doença como processos social. In: EGRY, Emiko Yoshikawa. *Saúde coletiva: construindo um novo modelo em enfermagem*. São Paulo: Ícone, 1996. 144p.
- MINAYO, Maria Cecília s. O Desafio do conhecimento. IN. EGRY, Emiko Yoshikawa. *Saúde coletiva: construindo um novo modelo em enfermagem*. São Paulo: Ícone, 1996. 144 p.
- QUEIROZ, V. M, EGRY, E. Y. Bases metodológicas para a assistência de enfermagem em saúde coletiva, fundamentadas no materialismo histórico e dialético. *Rev. Bras. Enfermagem*, Brasília, v. 41, n.1, p. 26-33,1988
- SALUM, M. J. L., EGRY, E. Y., SHIMA, H, FONSECA, R. M. G. S. Integração docente-assistencial: espaço para a construção do saber em saúde coletiva. IN. CONGRESSO BRASILEIRO DE SAÚDE COLETIVA, 2 e CONGRESSO PAULISTA DE SAÚDE PÚBLICA., 3. 1989, São Paulo.
- SEVERINO, A. J. Filosofia. In: EGRY, Emiko Yoshikawa. *Saúde coletiva: construindo um novo modelo em enfermagem*. São Paulo: Ícone, 1996. 144p.
- SOUZA, M. C. C. *Estado e partidos políticos no Brasil (1930 – 1964)*. 3. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1990.
- TESTA, Mário Pensar em saúde. In: EGRY, Emiko Yoshikawa. *Saúde coletiva: construindo um novo modelo em enfermagem*. São Paulo: Ícone, 1996. 144 p.